



**XX REDOR**

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

## O COCO DE MÃE BIU: ESPAÇOS E TEMPOS DE APRENDIZAGEM

BRAGA, Graça Elenice dos Santos<sup>1</sup>; SILVA, Eunice Pereira da<sup>2</sup>; SANTOS, Maria José dos<sup>3</sup>; SILVA, Camila Ferreira da<sup>4</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal Rural de Pernambuco, [gracaelenicebraga@gmail.com](mailto:gracaelenicebraga@gmail.com); <sup>2</sup>Universidade Federal de Pernambuco/Centro de Educação, [euniice.pereira@hotmail.com](mailto:euniice.pereira@hotmail.com)

; <sup>3</sup>Universidade Federal Rural de Pernambuco, [yiamaze@gmail.com](mailto:yiamaze@gmail.com); <sup>4</sup>Universidade Federal de Pernambuco/Centro Acadêmico do Agreste, [camilafera92@hotmail.com](mailto:camilafera92@hotmail.com).

### Resumo

Este trabalho tem enquanto objetivo compreender em que medida a experiência vivenciada pelo Grupo de Pesquisa em Educação, Raça, Gênero e Sexualidade – Audre Lorde no Coco de Mãe Biu, Quilombo Urbano do Portal do Gelo-Nação Xambá – contribuiu no trato com a discussão da religiosidade afro-brasileira. Filiamos-nos a Abordagem teórica dos Estudos Pós-Coloniais que emergem das lutas dos movimentos sociais e, por tal, toma enquanto referência as culturas dos povos que historicamente foram/são silenciados e subalternizados. Sobretudo, em relação as Heranças Coloniais que violaram/violam, negaram/negam as diferenças dos povos, sejam elas físicas, epistêmicas, culturais, geográficas, dentre outras. No que concerne a Abordagem teórica-metodológica fizemos uso da pesquisa documental por meio dos relatos de experiências construídas pelos membros do Grupo GEPEGES – Audre Lorde e entrevistas. Para a organização e tratamento dos dados utilizamos a análise de conteúdo via análise temática. Os resultados indicam que a experiência vivenciada pelo Grupo GEPERGES – Audre Lorde no Quilombo Urbano de Coco de Mãe Biu contribuiu para a construção de uma reflexão na qual o Quilombo é constituído por distintos espaços/ tempos de aprendizagem que em sua grande maioria não estão presentes no currículo oficial, evidenciando que os processos de aprendizagem não decorrem, exclusivamente, nos bancos escolares, mas extrapolam esse âmbito evidenciando a riqueza que reside na Diferença Colonial.

**Palavras Chaves:** GEPERGES–Audre Lorde, Coco de Mãe Biu, Estudos Pós-Coloniais.

### Introdução

A presente pesquisa emerge a partir de inquietações quanto as possibilidades de experiências educativas realizadas pelo Grupo de Pesquisa em Educação, Raça, Gênero e Sexualidade – Audre Lorde, especificamente na imersão no Coco de Mãe Biu, localizado no Quilombo Urbano do Portal do Gelo-Nação Xambá. Com isso, nos filiamos a Abordagem teórica dos Estudos Pós-Coloniais que emergem das lutas dos

movimentos sociais e, por tal, toma enquanto referência às culturas dos povos que historicamente foram/são silenciados e subalternizados. Sobretudo, em relação às Heranças Coloniais que violaram/violam, negaram/negam as diferenças dos povos, sejam elas físicas, epistêmicas, culturais, geográficas, dentre outras. De maneira a problematizar questões desafiantes aos profissionais da educação e pesquisadores.



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

O referido artigo a título de organização se divide em três partes: os contextos educacionais em que se insere o GERPEGES. Seguido por uma aproximação da teoria dos Estudos Pós-Coloniais como o referido Grupo GERPEGES. E por fim, a experiência de imersão no Coco de Mãe Biu, Quilombo Urbano do Portal do Gelo-Nação Xambá.

### **Os Paradigmas da Educação e o Grupo GERPEGES-Audre Lorde**

O presente momento conjuntural, impõe desafios para os/as profissionais da educação cujo os comprometimentos sociais e políticos se alicerçam em uma educação centrada na cultura e nos valores voltados para humanização, tendo como protagonista o educando. Como profere Freire

Reflexão sobre si mesmo, sobre seu tempo, sobre suas responsabilidades, sobre seu papel no novo clima cultural da época de transição. No sentido da humanização (1967, p.67).

Com isso, Freire nos convida a refletir que ao mesmo tempo em que os sujeitos se reconhecem e constroem espaços formativos. Também são ampliados os saberes e, sobretudo, estes saberes são interligados as necessidades de justiça social. Neste sentido, destacamos o contexto contemporâneo no campo acadêmico quanto o papel do

GERPEGES frente aos sujeitos sociais.  
Segundo Botelho

Nenhum processo educativo ocorre se o ser do ensino-aprendizagem estiver desenraizado de seus valores, de suas crenças, de seus objetos, do seu próprio ser (2014, p. 3.580).

Tendo que, os paradigmas da educação são produções que expressam diferentes interesses sociais e políticos, que disputando interna e externamente, difundidos em seus propósitos e missões nas instituições de ensino, como aponta Chauí

A universidade é uma instituição social e como tal exprime de maneira determinada a estrutura e o modo de funcionamento da sociedade como um todo. Tanto é assim que vemos no interior da instituição universitária a presença de opiniões, atitudes e projetos conflitantes que exprimem divisões e contradições da sociedade como um todo (2003, p. 1).

Assim, a autora aborda acerca dos paradigmas educacionais, que podem ser distintos, conflitivos, contraditórios e expressam as diferentes posições nas formas de pensar e agir da sociedade. Nos aproximando do paradoxo de que nenhum pensamento é portador de uma única face de um possível discurso verdadeiro, pois estamos diante de paradigmas de diferenças que em sua complexidade refletem os desafios não



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

apenas teóricos, mas práticos das sociedades contemporâneas.

Estas disputas em torno do projeto de sociedade dialogam com o papel da educação em suas pautas, que desde seu surgimento na modernidade demonstram sua complexidade.

No que tange o Grupo de Pesquisa em Educação, Raça, Gênero e Sexualidade – Audre Lorde. Princípios quanto ao reconhecimento e valorização da diversidade epistemológica nos aproximam das diferentes possibilidades de epistêmicas, sobretudo, da diversidade cultural.

Desse modo, as alternativas epistemológicas confrontam o conhecimento como premissa do universalismo, ao racionalismo iluminista e rejeita qualquer discurso determinista, abrangente sem perceber as diferenças. Como afirma Lorde

Al no reconocer las diferencias como una fuerza fundamental, las feministas académicas no consiguen superar la primera lección patriarcal. En nuestro rpundo, divide y vencerás debe convertirse en definamos y cobremos fuerza. (2003, p.118-119)

De maneira, a prática educativa da visita ao coco de mãe Biu- Quilombo Urbano do Portal do Gelo-Nação Xambá – Olinda. Implica em traduzir inovações metodológicas que o Grupo GEPERGES tem buscado no

processo formativo para diversidade cultural e a formação cidadã.

A respectiva imersão fez parte do calendário de atividades do GEPERGES de 2018 na perspectiva da formação dos (as) integrantes, voltada para o respeito à diversidade cultura afro-brasileira, problematizando diferentes visões presentes nos espaços social e acadêmico.

A fim de oportunizar formas discursivas de pluralidade e práticas culturais, subsidiadas por aproximações aos Estudos Pós-Coloniais, que enunciam a valorização das identidades múltiplas e complexas.

Dentro das experiências educativas, a perspectiva teórica Pós-colonial tem debruçado atenção no esforço em compreender as condições históricas e as ligações deste discurso com o contexto no das bases ética- políticas da cidadania dentro e fora da escola.

### **Aproximação dos Estudos Pós-Coloniais com o GERPEGES-Audre Lorde**

O Grupo GEPERGES se configura como um espaço pessoal e coletivo para luta antirracista, por meio de atividades formativas de combate ao racismo e sexismo. Vale salientar que uma das características do Grupo GEPERGES-Audre Lorde, se dá ao perfil dos sujeitos sendo em sua grande maioria vinculados a luta de Movimentos Sociais e



**XX REDOR**

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

periféricos. Como aponta Botelho; Santos (2017) o Grupo Geperges-Audre Lorde atua como território decolonial que se propõe a construir a capacitação argumentativa para uma intelectualidade que perpassa pelo cotidiano de preconceitos e discriminações.

Tendo que, a falta de acesso ou conhecimento quanto a questões teóricas ou engajamentos sociais e políticos. Contribuem para (re)produção e assim a manutenção de uma sociedade com sistema educativo cotidianamente racista, intolerante, eurocêntrico e patriarcal.

Apresenta também uma forte marca de escuta em sua prática metodológica nas atividades em grupo, Característica essa que traz para as discussões temáticas do Grupo Geperges Audre Lorde um olhar *outro* apontado por Oliveira; Candau

A perspectiva da diferença colonial requer um olhar sobre enfoques epistemológicos e sobre as subjetividades subalternizadas e excluídas. Supõe interesse por produções de conhecimento distintas da modernidade ocidental. Diferentemente da pós-modernidade, que continua pensando tendo como referência o ocidente moderno, a construção de um pensamento crítico “outro”, parte das experiências e histórias marcadas pela colonialidade (2010, p. 23- 24)

E é com a escuta e aproximação dos saberes desse *outro*, pertencente a espaços de Lutas Sociais que nos possibilita refletir

quanto a Pedagogia Decolonial e Educação Antirracista e Intercultural que aponta Oliveira; Candau (2010).

Nos levando a perceber aspectos apontados por Walsh (2014) como o sentir, pensar e repensar o agora a partir e sobre as luzes e rachaduras, posicionando-nos a esse respeito e reflexivamente dentro da própria trajetória de militância e ativismos intelectual a fim de sairmos do pessimismo.

Espaços como o Grupo GEPERGES Audre Lorde, se configura como um lugar possível para o conhecimento das marcas coloniais em nossa sociedade e consequentemente no espaço escolar. E sobre a ótica dessas rupturas lutar pela superação dos paradigmas dos estudos culturais, como ressalta Grosfoguel (2007).

Compreendendo que o olhar dos(as) integrantes do GEPERGES, orientados pelos seus diferentes saberes para o enriquecimento de suas práticas educativas. Se apresenta como espaço possível para ressignificação de suas práticas pedagógicas.

### **Coco de Mãe Biu-Nação Xambá: possibilidades de uma pedagogia pós-colonial**

Ao desafiar os limites da Colonialidade do saber, do poder e do ser. Damos continuidade a dialogar com os saberes acumulados da cultura de matrizes afro-



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero.

brasileira, tal como: a corporeidade, a oralidade e a religiosidade, bem como no terreiro que foi repassado de forma geracional.

Nessa perspectiva, as múltiplas identidades marcadas por diferenças aqui narradas vão enfatizar outras possibilidades históricas tanto por meio de suas representações simbólicas e culturais, quanto pelas formas de exclusão social e perseguição racial e religiosa.

Ao sistematizar recortes do percurso investigativo, enfatizamos a partir da análise de conteúdo a vivência no Quilombo Urbano de Coco de Mãe Biu. Em primeiro momento uma breve análise do surgimento da Nação Xambá suas peculiaridades e aspectos comuns às demais populações negras. Em seguida, o lugar da mulher na religiosidade e por último o Coco de Mãe Biu e suas possíveis contribuições nos diferentes espaços/tempos de aprendizagem.

### **Coco de Mãe Biu – Nação Xambá como um espaço plural**

O surgimento da Nação Xambá reafirma a dispersão do povo africano vindo das Américas. Que traz a diversidade pela africanidade, associada ao contexto brasileiro e nordestino. Cenário este, que traz outro sentido da diáspora africana. Como assegura Bernardo.

A diáspora significa necessidade de trânsito em várias direções, de transposições de fronteiras, especialmente das fronteiras de inúmeros grupos étnicos africanos que chegaram ao Brasil (2005, p. 21).

Se faz possível a percepção de que estratégias de resistências, levaram a população negra a buscar mudanças em vários momentos históricos. Com isso, surge no final dos anos 20 a Nação Xambá, mediante as perseguições ocorridas no Estado de Alagoas. Como relata Guerra

Esta perseguição sofrida aos cultos afro no Estado de Alagoas fez com que a maioria dos Babalorixás e Yalorixás buscassem abrigo nos estados vizinhos, sobretudo na Bahia e em Pernambuco (2010, p. 41).

Segundo a tradição oral, a nação Xambá tem início em Pernambuco no início da década de 1920 com a chegada do Babalorixá Artur Rosendo Pereira que vem de Maceió-Alagoas devido à repressão da polícia ao culto afro brasileiro, vindo a se estalar no bairro de Água Fria, Olinda- Pernambuco.

Esse processo no contexto cultural e político segundo Guerra levou a constituição de vários filhos de santo de Artur Rosendo Pereira, entre as primeiras iniciadas a Yalorixá Maria das Dores da Silva (Maria de Oyá) que cultuou seus orixás no bairro de Campo Grande, Recife- Pernambuco. Entretanto, na década de 30 em Pernambuco dar-se início um processo de “higienização”





## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

que levou muitos cultuadores de santo para vários manicômios com autorização do governador Agamenon Magalhães forçando assim a Artur Rosendo a voltar para Maceió.

É no processo de transformação e construção que Mãe Biu filha de santo de (Ogun e Oyá) reabre o terreiro de Xambá na década de 50 na Estrada do Cumbe em Santa Clara Recife. Em 1951 muda-se para o Portal do Gelo para antiga rua Albino Neves de Andrade, onde até hoje está localizado e as lideranças de mulheres tem sido marcante enquanto comunidade quilombola.

Dentro deste processo ocorre reparações por parte do Governo Federal, e a comunidade Xambá é reconhecida em 2006 como quilombo urbano, o título foi concedido pela Fundação Palmares após análise do pedido feito pela AAP-Associação dos amigos do arquivo Público Estadual João Emerenciano. O título concedido o terreiro Santa Barbara no terreiro quilombo urbano do país e o primeiro da região Nordeste.

Vale destaque, que o contexto de reconhecimento do ser, do saber foi resultado em certa medida das articulações dos movimentos sociais em destaque negros e de mulheres com outros atores religiosos/as e gestores governamentais.

Assim, o exemplo da Comunidade Xambá vai traduzir diferentes territórios que em suas relações culturais, política e religiosa vão ser pautada e articulada entre os diferentes atores sociais que segundo Guerra,

O caso da Nação Xambá vimos que ao longo do processo de auto reconhecimento quilombola foi surgindo valorizações de questões como etnicidade, identidade e raça permitindo entre os atores “laicos” do governo, em suas várias esferas, e os atores religiosos da Comunidade Xambá (2010, p.67-68).

No livro intitulado *É do Dendê! História e memória urbanas da nação Xambá no recife(1959-1992)*, são apresentados dado de que a casa do Xambá começa a ser reconhecida pelo nome da Yalorixá Mãe Biu, tendo a mesma um papel fundamental para a resistência e existência desta nação na cidade do Recife – PE. Uma vez que Mãe Biu, além de ser a zeladora dos filhos/as de santo, ainda dialogava com várias autoridades e intelectuais da época (1960).

A trajetória da Nação Xambá procede em peculiaridades e aspectos comuns a outras Nações africanas. Essa conexão interliga com a história da mulher negra África-Brasil, revelando transformação e relações sociais, culturais e econômicas. Com aspectos da especificidade e diversidade que fazem parte dos vários povos afro-brasileiros ressaltamos na Nação Xambá o lugar da mulher.



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

### O lugar da mulher na religiosidade

Saudamos aos ancestrais maternos, através da deusa iorubá das águas doce e do amor, especificamente a Yabá Omim. Ou seja, Oxum a mais bela, ela tem o ofício de guardar os segredos e a mística da religião, arbitrar litígios é que convidamos ao diálogo sobre o lugar das mulheres na religiosidade do candomblé. Ainda, destacamos a presença da mulher na Nação Xambá.

Destacar o lugar da mulher no Xambá aproxima da categoria analítica gênero e religiosidade. Visto que são duas identidades coletivas presentes na construção social na medida em que para as mulheres torna-se Yalorixá se faz necessário o processo místico do terreiro, por tanto, elas não nascem prontas.

Ressaltamos que, o papel da mulher nos terreiros de candomblé demonstra potencialidades em desempenhar atribuições distinguindo enquanto sacerdotisa no poder feminino das sociedades europeias. Segundo Verger

É interessante constatar que por seu lado os princípios do terreiro de candomblé Nagô são dirigidos por mulheres e os de origem banto por homens, uma situação e talvez em parte consequência da outra, isto é, o fato que tais confrarias agrupassem as mulheres ou homens por nações de origem criava condições favoráveis para que os escravos libertos

pudessem reunir-se e falar entre eles das suas práticas longínquas e reorganizar (1985, p. 277).

Na abordagem do autor, o papel da mulher no candomblé, especificamente, de origem nagô cuja direção é realizada pelas mulheres refletiram consequências significativas à ocupação nos diversos espaços pela mulher não era apenas o espaço econômico.

Percebemos, que o papel da mulher africana na prática dos cultos, vão ampliar a dimensão não apenas econômica mediante, mas demais situações dos espaços dispendo não apenas de recursos a prática de cultos, mas o reflexo estético da autoestima e sobretudo repercutiram nas relações de poder e de gênero entre os homens e mulheres nas diversas formas de ocupação que a mulher exercia.

Na 53ª edição Coco de Xambá da tradicional festa do Coco do Xambá. Percebe-se que vários elementos ocupa um lugar especial na festividade em homenagem a Severina Paraíso da Silva-Mãe Biu, matriarca da Nação Xambá, nascida em 29 de junho de 1914.

### Coco de Mãe Biu: Espaços e tempos de aprendizagem

Iniciamos esta parte com os pés pisando bem forte no chão pés que demarcam a batida do coco. Passos, que ritmados ao som da



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

alfaia, do ganzá, propõe enfatizar as experiências humanas, tão diferenciadas, de gênero, etnia, raça, classe da periferia e de religiosidade afro-brasileira.

Desse modo, as festas, os símbolos, canções, rituais do Coco de Mae Biu reinventam suas origens e difunde a manifestação cultural com regras, jogos brincantes propõem fortalecer valores identitário das crianças e dos jovens no combate as discriminações étnicas raciais e de gênero.

Entre alguns aspectos observamos as canções de afirmação de pertencer ao lugar, ou a ser. Como exemplo destaca-se: ohhh acorda Maria pra sambar o coco que já raiou o dia<sup>1</sup>. A canção nos remete uma nova configuração no papel da mulher, enquanto brincante, dançante do coco. Compreende-se que a mulher tem um lugar importante na cultura e nas religiões de matrizes afro-brasileira. Como explica Botelho

Pensar nas mulheres no candomblé é pensar uma religião que na contramão do machismo possibilita o exercício feminino do sacerdócio e para os segmentos mais ortodoxos é, exclusivamente, feminino (2015, p. 3.582).

Para as comunidades afro-brasileiras, os conhecimentos perpassam por diferentes sentidos numa multiplicidade de saberes. Por

<sup>1</sup> Domínio público canta grupo musical Bongar.

isso, recorremos a Bâ (2010, p.183). “A tradição oral é a grande escola da vida, e dela recupera e relaciona todos os aspectos”. Observamos que as histórias, apreendidas como herança ancestral, matem viva a tradição. No que se refere à tradição oral é importante registrar alguns cuidados referente ao adentrar no espaço do Coco Mãe Biu.

É interessante observar que além se perceber os sujeitos e seu lugar de destaque a relação com o ambiente é tratado nos acordos e cuidado com meio natureza, estimulando a conscientização do público, apontando o que deve tratar, como afirma um participante festividade:

Não consuma bebidas em recipientes de vidro. Não utilize garrafa de vidro no salão. Evite o consumo de drogas não legalizadas em nossa festa religiosa, ancestral, brincante e patrimônio do nosso povo.

Assim, com a visita de campo, obteve-se um resultado significativo, quanto ao envolvimento social das pessoas ao visitarem o espaço, participarem do festejo. A respectiva experiência, leva não apenas a sensibilização em relação à ambiente para o exercício da cidadania, mas o respeito a natureza, a religiosidade e sobretudo a ancestralidade.

Portanto, visitar ao terreiro de Xambá na festividade do Coco de Mãe Biu foi proposto se aproximar das dimensões das





## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

contribuições da população negra nas áreas social, cultural entre outros.

### Considerações Finais

Ressaltar a discussão das religiosidades, destacando as religiões de matriz afro-brasileira para educação é dialogar com a presença da diversidade étnico-racial no sistema escolar. E, sobretudo, contribuir para perpetuação dos valores civilizatórios de tradição africana, bem como da cidadania.

Partindo desse pressuposto, avaliar a ação educativa nos coloca na perspectiva de (re)orientar as práticas pedagógicas. Nesse sentido, quanto às possibilidades e desafios destacamos: a aproximação leituras e experiências práticas de forma interseccional durante o processo formativo. A fim de proporcionar aproximações entre levou entre as dimensões humana e sociais.

Tendo por meio das contribuições de atividades em campo, momentos de efervescência, a fim de reorientar estudos que proporcionem aproximações com processos educativos multiculturais que favoreçam a reflexão quanto a diversas práticas culturais desenvolvidos dentro e fora dos muros escolares.

### Referências

BERNARDO, Teresinha. O Candomblé e o poder feminino. **Revista de Estudos da Religião**. n. 2, 2005. Disponível em >[https://www.pucsp.br/rever/rv2\\_2005/p\\_bernardo.pdf](https://www.pucsp.br/rever/rv2_2005/p_bernardo.pdf). Acesso no dia 10/10/2015.

BOTELHO, Denise. **Depoimento** (abril de 2014, março 2016). Entrevistadora: Graça Elenice dos Santos. Exposição dialogada nos estudos do GEPERGES.

BOTELHO, Denise. Educação e Candomblé: Contribuições para a Discussão de Raça e Gênero. **18ª REDOR perspectivas feministas de Gênero: desafios no campo da militância das práticas**. Disponível em: <[www.ufpb.br/evento/liti/ocs/index.php/18redor/18redor/paper/.../858](http://www.ufpb.br/evento/liti/ocs/index.php/18redor/18redor/paper/.../858). Acesso no dia 8 de junho de 2015.

BOTELHO, Denise Maria. SANTOS, Francineide Marques da Conceição. Um território decolonial: GEPERGES Audre Lorde. I Encontro Internacional de Cultura, Linguagens e Tecnologias do Recôncavo. **Anais**. Santo Amaro. 2017.

CHAUÍ, Marilena. **A universidade pública sob nova perspectiva**. **Revista Brasileira de Educação**. Poços de Caldas, Minas Gerais. 2003. Disponível em >[www.scielo.br/pdf/rbedu/n24/n24a02.pdf](http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n24/n24a02.pdf). Acesso no dia 10/10/2015.

COSTA, Valeria Gomes. **E do Dendê! Nação Xambá No Recife (1950-1992)**. Annablume, São Paulo. 2009.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro, Paz e Terra. 1996.

GROSGOUEL, Ramón. Entrevista a Ramón Grosfoguel. In: **Polis - Revista de la Universidade Bolivariana Santiago, Chile**. (realizada por: Angélica Montes Montoya e Hugo Busso). Recebido el 23.12.07/ aceito em 29.12.07, 2007.



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

GUERRA, Lúcia Helena Barbosa. **Xangô Rezado Baixo, Xambá Tocando Alto: A reprodução da tradição religiosa através da música.** 2010. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2010.

LORDE. Audre. **La hermana, la extranjera:** Artículos y Conferencias. Horas y Horas, Madrid, 2003.

MORIM, Júlia. **Terreiro Santa Bárbara de Nação Xambá - Ilê Axé Oyá Meguê.** Disponível: >[http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com\\_content&id=1032:terreiro-santa-barbara-de-nacao-xamba-ile-axe-o-ya-megue](http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com_content&id=1032:terreiro-santa-barbara-de-nacao-xamba-ile-axe-o-ya-megue). Acesso em: 27 de outubro de 2018.

OLIVEIRA, Luiz Fernandes de. CANDAU, Vera Maria Ferrão. **Educação em Revista.** Pedagogia decolonial e educação antirracista e intercultural no Brasil. Belo Horizonte. 2010.

VERGER, Pierre. **A contribuição Especial das mulheres no candomblé no Brasil.** São Luís do Maranhão, UNESCO, 1986.

WALSH, Catherine. 2014. **Interculturalidad crítica y pedagogía de-colonial: apuestas (des)del in-surgir, re-existir y re-vivir.** Disponível em ><https://redinterculturalidad.wordpress.com/2014/02/06/interculturalidad-critica-y-pedagogia-decolonial-catherine-walsh/>. Acesso no dia 11 de março de 2015.

WALSH, Catherine. Interculturalidad y colonialidad del poder un pensamiento y posicionamiento “otro” desde la diferencia colonial. In. CASTRO-GÓMEZ; Santiago.; GROSGOUEL, Ramon. (org.). **El giro decolonial:** reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global. Bogotá: Siglo del Hombre Editores;

Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, 2007.